

LUCAS ALMEIDA DIAS

PAIA

 **GRADUS**
EDITORA



GRADUS EDITORA

www.GRADUSEDITORA.com

Todos os Direitos Reservados ao autor

Dados Catalográficos

DIAS, Lucas Almeida. Pala. 1ª edição: Gradus Editora. Brasil.

2026. 86p.

ISBN: 978-65-81033-85-8

DOI: 10.46848/pala

CDD: 880.000

Sob o manto de mais uma noite fustigada pela chuva, Pala permanecia isolada em seu gabinete no topo do grupo financeiro. Era um ritual de poder: ser a última a deixar o império que, pedra sobre pedra, ela mesma erguera. Na penumbra da sala, apenas o reflexo dourado de uma luminária de bronze cortava a escuridão, conferindo ao ambiente um ar de melancolia solene. Com um movimento lento e rítmico, ela girava o gelo em seu uísque, enquanto cantarolava uma melodia antiga, de notas esquecidas, que parecia resgatar do silêncio uma tristeza profunda e incurável...

Movida por um ímpeto silencioso, a senhora levantou-se e caminhou até a vidraça. Seus olhos, de um azul gélido e perspicaz, observavam as gotas de chuva serpentearem pelo vidro embaçado. Ali, a solidão não era uma intrusa, mas sua mais fiel e antiga aliada — uma convivência tão árida quanto confortável.

Acima dela, apenas o teto de sua propriedade; ao redor, as paredes narravam sua trajetória em silêncio. Diplomas emoldurados, retratos ilustres e condecorações diversas compunham o cenário de uma vida dedicada à ascensão. Nas estantes, livros de páginas amareladas atestavam seu domínio sobre o conhecimento secular, a arma que

utilizara para subjugar o mercado e acumular cada fração do patrimônio que agora a cercava.

De repente, um espasmo de urgência — beirando o desespero — rompeu sua inércia. Em um movimento brusco, o uísque transbordou, manchando o carpete ocre como um presságio amargo. Sem esboçar qualquer emoção, Pala recolheu alguns documentos e marchou em direção ao elevador. Quando as portas se abriram, o choque: funcionárias da limpeza noturna ocupavam o recinto. Para ela, aquilo não era apenas um encontro casual, mas uma profanação do espaço restrito à cúpula do império.

Uma das mulheres, com o rosto marcado pelo cansaço e o temor da demissão, baixou o olhar e balbuciou, trêmula:

— Perdoe-nos, senhora... O elevador de serviço está em manutenção. Não foi nossa intenção invadir o seu espaço sem permissão...

Pala, mantendo a postura gélida e um olhar que reduzia a interlocutora à total insignificância, interrompeu-a com uma voz que cortou o ar como lâmina:

— Silêncio. E não ouse se aproximar.

Abalada pela rispidez cortante de Pala, a funcionária deixou que algumas moedas escapassem de suas mãos trêmulas, tilintando no chão como um eco de sua própria fragilidade. Já entregue ao pranto, a serviçal implorou:

— Senhora, por piedade... não despreze esse dinheiro. É o meu sustento, o salário que

recebo de suas mãos e que alimenta meus filhos e netos.

Aquelas palavras perfuraram a armadura gélida de Pala. Em um gesto quase irreal, ela se ajoelhou sobre o mármore, recolhendo as moedas com uma delicadeza súbita. Sem proferir uma única sílaba, devolveu o valor à mulher e permitiu que elas partissem. Enquanto as figuras desapareciam no corredor, os olhos de Pala, antes secos e severos, viram-se turvados por uma umidade estranha e amarga.

Ao alcançar a portaria, o ar fustigante da noite a recebeu. Carlos, seu motorista, aguardava-a sob a chuva, empunhando um sóbrio guarda-chuva cinza. Ele era uma relíquia viva de seu passado, contratado por

seus avós e fiel à família há quase meio século. Envolta em seu pesado casaco de pele, Pala buscou o olhar do homem e, num raro momento de humanidade, murmurou:

— Obrigada, Carlos.

Durante o trajeto, ela recostou a fronte contra o vidro frio da limusine, permanecendo em um transe estático até que o carro finalmente estancou diante dos portões de sua residência.

A mansão, um palacete de uma alvura impecável, fervilhava. Empregados davam os últimos retoques para a grande recepção de gala, organizada há dias. Lustres de cristal maciço pendiam dos tetos altos, lançando prismas de luz sobre os trinta e oito aposentos

da propriedade. Era um monumento ao seu sucesso, mas, naquela noite, parecia-lhe um labirinto desolado.

Buscando refúgio, Pala entregou-se a um banho demorado, mas o vapor da água não foi capaz de dissipar a imagem da empregada no elevador. O rosto sofrido daquela desconhecida a perseguia, torturando sua consciência com uma persistência incômoda. Já no quarto, enquanto o uísque deslizava novamente para o seu copo, uma única lágrima — involuntária e traidora — traçou um caminho solitário em sua face.

Mas o dever a chamava. Erguendo-se com a altivez de quem não admite fraquezas, ela vestiu-se com um longo cetim vermelho-sangue, adornando o pescoço com rubis que

brilhavam como feridas abertas. Estava decidida a soterrar aquela vulnerabilidade sob as camadas de luxo.

Ao descer a imponente escadaria, os acordes de uma ópera densa e dramática preencheram o salão, acompanhados pela voz potente de uma soprano. Mais de setenta convidados da alta sociedade silenciaram para cortejá-la. Entre joias pesadas e meios sorrisos calculados, Pala descia sob o ritmo das palmas e reverências de seus subordinados. Aquele momento singular marcava o início da festa, mas, por trás da glória, o mistério de sua súbita compaixão permanecia oculto sob o brilho das luzes.

A atmosfera da festa era densa, saturada pela ganância; naquele salão, o ódio discreto

era o idioma comum. O desejo pelo poder esculpia nos rostos sorrisos amarelados e artificiais, que flutuavam entre a névoa de cigarros e as taças de cristal marcadas pelo carmim dos batons.

Pala, com uma elegância teatral, pediu licença aos músicos e tomou o microfone. Erguendo sua taça de champanhe como um cetro, disparou:

— Louvado seja o meu dinheiro! É ele que mantém os vossos fígados funcionando como esponjas!

Uma onda de risos nervosos varreu o salão diante da piada mordaz. Alguns convidados empalideceram, mas todos, sem exceção, mantiveram seus papéis fictícios

intactos. Ela continuou, com a voz tingida de ironia:

— Queridos, hoje celebramos quarenta longos anos sob minha administração no Grupo Alazon. Por sorte, sigo cada vez mais rica e, quando eu prospero, vossas migalhas também crescem. Tudo está bem, e assim permanecerá para sempre. Aproveitem a festa. Obrigada.

Subitamente, a luminosidade do ambiente esmaeceu. Os músicos iniciaram uma melodia melancólica e introspectiva — a mesma que Pala sussurrava em seu gabinete. Alguns casais se aproximaram e começaram a dançar, envoltos por um refrão que ecoava como uma sentença: "O que você está fazendo da sua vida?". Naquele instante preciso, a

consciência pareceu despertar em cada alma presente; os olhares voltaram-se para dentro e a atenção magnética que sustentava Pala dissipou-se, morrendo friamente em um segundo de silêncio.

Pala baixou a cabeça e depositou a taça sobre uma mesa de mármore. Sem que ninguém notasse sua partida, apanhou um casaco de pele branco e esgueirou-se pela porta principal. Na varanda, a chuva caía como uma fumaça etérea vinda do céu, enquanto as luzes amareladas da cidade, quase agonizantes, instigavam sua súbita curiosidade.

Movida por um impulso incontrollável, ela se aproximou de seu carro. Decidira, finalmente, conhecer a realidade daqueles que dominava. À medida que se afastava dos altos

muros de sua propriedade, o mundo tornava-se gradativamente mais gélido e hostil. Através do vidro, via árvores de uma natureza quase morta, monumentos de concreto cinzento, faces sombrias e crianças solitárias que pareciam flores murchas em um jardim esquecido. Pala sentia-se um ser estrangeiro em um mundo que, paradoxalmente, dependia inteiramente de seus caprichos e de sua fortuna.

Ela saiu do veículo sem se importar com a chuva que insistia em ensopar seus cabelos curtos. Enquanto as ruas desfilavam diante de seus olhos, a percepção da miséria fora de seus domínios tornava-se insuportável.

Em uma parada no semáforo, Pala simplesmente abandonou o carro no meio de uma rua deserta. Seguiu a pé, solitária e sem rumo, permitindo que a noite a engolissem. Naquela rua, não havia mais a poderosa empresária; havia apenas uma mulher em busca de algo que o dinheiro jamais fora capaz de comprar.

Pessoas sem nome, de faces desfiguradas; homens e mulheres que ocultavam seus corpos da chuva e se recolhiam do frio.

Pala persistia em sua caminhada, alheia ao casaco branco agora transfigurado pelo barro. O peso da água castigava lhe o corpo, enquanto o vento fustigava a pele frágil, manchada por restos de maquiagem. Naquela ruela, onde ratos dançavam entre garrafas de vidro vazias, ninguém a reverenciou. No epicentro daquela solidão, Pala avistou sua mansão iluminada: incrustada no ponto mais alto da cidade, a propriedade erguia-se imponente, divorciada de qualquer realidade.

Os olhos de Pala anuviaram-se em confusão. Nada ali fazia sentido; tudo parecia falso, fútil. Tomada por um desespero profundo diante do que testemunhara, ergueu as mãos enrugadas aos céus e clamou:

— Este mundo não existe!

A angústia da velha mulher era tão palpável que nem mesmo os ratos ousaram aproximar-se. Solitária em seu deserto particular, ela continuou a gritar e soluçar, implorando ao vazio que transmutasse a realidade que passara a atormentá-la.

Horas mais tarde, a chuva cessara. Pala deixou aquele lugar encharcada, descalça e despida de algumas de suas joias. No caminho de volta, o frio a fazia tremer; seus lábios, arroxeados, denunciavam que o corpo já não suportava tamanha agressão — uma surra imposta pelo tempo e pelas circunstâncias a uma mulher de mais de setenta anos.

Ao chegar aos portões da mansão, estacionou o carro e seguiu a pé, arrastando os passos pelos ladrilhos ásperos até a entrada do palacete. Suas empregadas, que outrora a observavam com uma admiração fingida, foram tomadas por uma mistura de piedade e temor diante daquela cena deplorável. Os convidados e músicos, paralisados pelo choque, mantiveram-se em silêncio.

Irreconhecível, Pala recolheu-se aos seus aposentos. No banheiro, entregou-se a um novo banho, esfregando-se com tamanha veemência que a pele logo exibiu marcas de unhas e hematomas. Diante do espelho embaçado, confrontou o rastro deixado pelo tempo e a vacuidade do que o dinheiro lhe proporcionara. Gritou novamente, uma força que ecoou o lamento e o desespero pelos corredores gélidos da mansão. Seu casulo, enfim, rompera-se: uma nova mulher seria obrigada a emergir.

Ao sair do banho, Pala caminhou com passos lentos até o quarto. No corredor, observou os grandes salões vazios onde, no passado, ainda criança

Aquele semblante desconhecido permaneceu ao lado de Pala. Aproximou os lábios do rosto de sua patroa e sussurrou, num hálito de segredo e dor:

— Filha minha!

— Pai? — balbuciou Pala, em um estado de semiconsciência, entre o sonho e o despertar.

Carlos afastou-se abruptamente. Com os olhos marejados, deixou o quarto a passos céleres. O som de sua partida despertou-a de vez; ela tentou segui-lo, mas o corpo, exaurido, traiu sua vontade. Teve de interromper o movimento à soleira da porta, sustentando-se apenas na própria fraqueza.

Sentada ao chão, entregue ao desalento, Pala submergiu em um desespero atroz. Sem norte e com a vitalidade minguante, levantou-se para confrontar Carlos. Percorreu o corredor — agora um trajeto doloroso e infundável —, tateando as paredes até alcançar o portal dos aposentos de seu mordomo.

— Eu sei que você está aí... e agora sei exatamente quem você é! — exclamou, embora recebesse apenas o silêncio como resposta.

Carlos, da cozinha, observava a cena à distância, como um espectador de uma tragédia anunciada.

Tomada por uma irritação febril, Pala refugiou-se no banheiro. Diante de um

espelho estilhaçado, confrontou a própria face severamente marcada. Abriu a torneira de água quente e fitou o reflexo até que ele se dissolvesse gradualmente sob o vapor da água fervente, que aguardava seu corpo carente naquela banheira solitária.

Passados alguns minutos de imersão, notou novas máculas violáceas afluírem em sua derme. Desdenhou da gravidade, atribuindo as marcas à noite de excessos e aos pileques desmedidos. Contudo, ao deixar a banheira, o horror se materializou: a água exibía uma tonalidade escarlate, e ela percebeu, atônita, que seu umbigo vertia sangue.

Reprimindo as emoções e blindada por uma anestesia psicológica contra qualquer pensamento nefasto, Pala envolveu-se em uma

toalha branca e atravessou a mansão até o telefone. Tentou, de forma obstinada, contatar Andrade de Campos, seu médico de confiança. Após sucessivas tentativas que findavam na impessoalidade da caixa postal, ela manteve a compostura e deixou um recado conciso:

— Andrade, é Pala. Preciso que venha à minha residência com a máxima urgência. Temos assuntos inadiáveis. Obrigada.

Minutos depois, Andrade retornou a ligação, confirmando sua vinda.

Ele chegou em uma tarde de calor sufocante. Pala o aguardava diante da televisão, estática. Assim que o médico se aproximou, o cenário revelou sua crueza: toalhas encharcadas de sangue espalhavam-se

por toda a mansão. Pala mantinha-se impassível, fumando um cachimbo de prata. Ao avistar o recém-chegado, abraçou-o e inquiriu:

— Há quanto tempo, meu velho amigo. O que o traz a este reduto de solidão?

Andrade, compreendendo a gravidade da situação, não hesitou: contactou o hospital e solicitou que seus enfermeiros se deslocassem até a mansão. Após examinar detidamente o corpo de Pala e administrar-lhe alguns fármacos, o sangramento foi estancado em poucos minutos.

Horas mais tarde, onze ampolas de sangue foram colhidas e enviadas por helicóptero a uma clínica especializada.

Durante o processo, Carlos observava à distância o sofrimento e a turbação de espírito de Pala, que, entre baforadas constantes, proferia ordens desconexas para as paredes vazias.

Ao cair da noite, o fulgor do céu estrelado banhava o jardim de inverno, onde Pala aguardava o veredito trajando um roupão florido. O médico aproximou-se com cautela e perguntou:

— Pala, podemos conversar a sós?

Ela esboçou um sorriso enigmático e ambos se dirigiram ao escritório. Ali, Andrade revelaria o que os exames denunciavam:

— Antes de tudo, peço que se cerque de toda a sua força. Conhece minha retidão; não

pretendo mascarar a realidade. O diagnóstico é de leucemia mieloide aguda. Trata-se de uma patologia severa e de baixa incidência, mas que conta com protocolos promissores no exterior.

Andrade prosseguiu, oferecendo a contraprova:

— Se desejar, repetiremos todos os exames para uma certeza absoluta, embora eu raramente me equivoque em meus diagnósticos.

Pala, tomada por uma irritação súbita e uma confusão latente, arrancou os laudos das mãos dele. Seus olhos percorreram as linhas técnicas, confirmando o que ele acabara de proferir.

— Eu não vou morrer — sentenciou ela, com o olhar fixo no chão. — Eu não posso morrer.

VI

— Pala, manteremos o otimismo! Contudo, é imperativo iniciarmos o protocolo quimioterápico o quanto antes. Esta enfermidade não distingue estratos sociais; ela acomete a muitos, mas a letalidade é o destino daqueles que negligenciam o tratamento. Como afirmei, há esperança. Por ora, retornarei à minha residência.

Ele concluiu com um tom de proteção:

— Repouse. Amanhã, logo cedo, daremos início aos procedimentos. Compreendo sua preferência pelo cuidado

domiciliar e garanto que, de minha parte, o sigilo sobre este episódio será absoluto. Passe bem, querida.

Andrade retirou-se da mansão sob o escrutínio dos olhares curiosos dos empregados, que tentavam decifrar o enigma contido naquelas paredes.

No amanhecer seguinte, Pala optou por desjejear nos jardins da mansão. Ali, foi abordada por um de seus jardineiros que, com uma humildade singela, ofereceu-lhe uma pequena flor. Pala, tomada por uma repulsa visceral, fitou-o com frieza e disparou:

— Engula essa merda!

Exaurida pela espera de seu médico e pela ausência súbita de Carlos, que desaparecera da propriedade, ela decidiu vestir-se e seguir por conta própria até a sede de sua empresa. Ao atingir o vigésimo segundo andar, onde se situava seu escritório, Pala foi assolada pela visão da mesma empregada — aquela cujo episódio das moedas parecia ter deflagrado toda a desordem em sua vida. Atônita, Pala deixou que sua pasta de couro

escapasse das mãos, espalhando documentos e uma vultosa quantia de dinheiro pelo assoalho.

Enquanto esboçava um sorriso de escárnio, a empregada indagou se poderia auxiliá-la. Pala, contudo, permaneceu estática, mergulhada no olhar daquela mulher de cabelos alvos, sem que um único músculo de sua face se movesse. Com paciência, a humilde funcionária recolheu os pertences e organizou-os sobre a mesa. Pala aproximou-se da janela, acendeu um cigarro e confrontou-a:

— Mulher, qual é o seu nome e por qual razão você me persegue?

A empregada aproximou-se com timidez e respondeu:

— Meu nome é Clara, senhora, e não há perseguição alguma. Posso prosseguir com meu ofício?

Com um desdém fingido, Pala retrucou:

— Sim, decerto. É para isso que é remunerada. Continue.

Clara finalizou a limpeza com presteza e recolheu seu material. Antes de retirar-se, porém, lançou uma sugestão ao ar:

— Este escritório ganharia vida com um imenso arranjo de flores, não acha?

Pala ergueu-se em silêncio e cerrou a porta.

Passou o restante da manhã entregue ao tabaco, observando o fluxo caótico do trânsito

lá fora. Ao meio-dia, decidiu retornar à mansão em um táxi. Lá encontrou Andrade e sua equipe técnica, que finalizavam a instalação dos aparatos necessários para o delicado tratamento que ela passaria a enfrentar.

Demonstrando uma resiliência quase sarcástica, Pala abraçou Andrade com entusiasmo e, em tom jocoso, indagou aos presentes:

— Prontos para embalsamar a múmia?

Ela percorreu os olhos pelos empregados, exibindo um sorriso enigmático, e prosseguiu dizendo:

— Meus caros, por gentileza, sirvam o almoço no jardim. Ah, e localizem o meu motorista; faço questão de sua companhia.

Depositando a pasta sobre o sofá, ela encaminhou-se solitária até o refúgio verde da propriedade. Minutos depois, a mesa exibia um banquete opulento, composto pelas iguarias prediletas de Pala. Carlos ali estava, de cabeça baixa, organizando as taças com uma timidez servil enquanto tentava atender sua patroa. Os demais empregados ensaiaram sorrisos, na vã esperança de que um clima de harmonia se instalasse na casa, mas Pala golpeou os pratos com a palma da mão e sentenciou:

— Estão aqui à espera das sobras? Saiam agora! Todos, exceto você, Carlos. Sente-se e acompanhe-me.

O mordomo, mantendo a postura submissa, ocupou a outra extremidade da mesa

em um silêncio sepulcral. Pala deu início à refeição de modo grotesco: mastigava coxas de frango com voracidade apenas para, em seguida, expeli-las sobre a mesa. Interrompeu o ato, fixou o olhar em Carlos e provocou:

— Quem rompe o silêncio? Eu ou você?

Carlos sustentou o olhar, mas as palavras lhe faltaram. Pala tomou um guardanapo, limpou as mãos com calma deliberada e, em um tom de ironia cortante, prosseguiu:

— Então foi você quem me abandonou às portas daquele colégio maldito... Quem me excluiu do privilégio de ter uma família? Não o condeno por isso; afinal, os laços domésticos

seriam de um tédio insuportável. No entanto, eu era apenas uma criança! Você me privou do desprazer de experimentar a figura de um pai ou de uma mãe. Eu teria sido feliz ou infeliz? Teria conquistado tudo o que possuo hoje? Não sei. E você, velho decrépito, negou-me o direito de descobrir se todo esse lodo é, de fato, amargo.

A voz dela subiu de tom, carregada de um escárnio obscuro:

— Sabe quem é meu verdadeiro pai? Sabe? É o dinheiro! É o capital que me penetra e me satisfaz incansavelmente, seu miserável! E quer saber o que é ainda melhor? Eu vou morrer! Aí, sim, terei um pai caloroso e devotado: o próprio diabo!

Atordoado, Carlos balbuciu:

— Mas, minha filha... você não vai morrer!

Pala retrucou com um riso amargo:

— "Filha"? Só agora recebo tal título? Sim, eu morrerei. Seja neste instante ou daqui a dois séculos. Mas guarde bem minhas palavras: quem abrirá as portas do inferno para a minha passagem será você.

E lá continuará a me servir. Pala ergueu-se e adentrou a mansão sem olhar para trás. Carlos, rendido ao pranto, observou-a partir, permitindo que ela seguisse solitária em direção ao seu destino.

VII

Ao ingressar na mansão, Pala dirigiu-se aos seus aposentos, onde Andrade e sua equipe a aguardavam. Tomou um cigarro do armário, acendeu-o com gestos lentos e sentenciou:

— Comece logo com isso!

Acatando a ordem, o procedimento médico foi iniciado. O corpo de Pala foi submetido a exaustivas horas de tratamento quimioterápico, que se arrastaram por longas oito semanas.

Na nona semana, Pala era a imagem da própria irreconhecibilidade: o vigor cedera lugar a uma magreza extrema, e seus cabelos haviam caído por completo, vítimas dos efeitos colaterais do protocolo. Carlos

permanecia na mansão, trabalhando de forma quase invisível, sem importunar a filha. A rotina de Pala resumia-se agora a episódios de vômitos amargos e sonos profundos e turvos. Para a maioria dos empregados, o período trazia uma paz inesperada, pois a mulher perturbadora e ativa de outrora já não era vista.

Numa manhã de domingo, contudo, Pala despertou sob o som de cantos e risos que vinham da cozinha. Irritada, levantou-se para exigir silêncio, mas no meio do trajeto, seus olhos cruzaram-se com os de um belo rapaz: jovem, de pele clara e físico atraente. Sob alguma recomendação prévia, ele não lhe dirigiu o olhar, mantendo-se concentrado em suas tarefas. Mesmo assim, Pala fixou nele seus

olhos avermelhados, mordiscando os lábios com um sorriso cansado e, ainda assim, perverso.

Ao subir as escadas, deparou-se com Andrade, que sorriu ao vê-la e disse:

— Bom dia, Pala. Hoje meu filho veio me auxiliar; ele também é médico e cuidará de você esta noite. Será um procedimento célere, prometo que não causaremos incômodo.

Pala fitou Andrade, esboçou um sorriso enigmático e respondeu:

— Bom dia! Não se preocupe. Tenho a absoluta certeza de que, em breve, estarei dormindo o mais profundo dos sonos.

— Acompanha-me no café?

Andrade anuiu, e ambos seguiram em um diálogo contido até os jardins. O dia transcorreu sob uma calmaria enganosa, que se estendeu até o crepúsculo. Com esforço, Pala vestiu-se com requinte: adornou-se com suas joias mais preciosas e convocou todos os seus funcionários, médicos e enfermeiros — um contingente de sessenta pessoas — para uma reunião insólita em seus aposentos. Vestia um carmim profundo e ostentava um colar de rubis graúdos. Entre baforadas de um charuto, exibia uma felicidade de matiz perturbador enquanto sentenciava:

— Todas as mulheres, saiam. Desejo apenas os rapazes, os mais belos. Os velhos também devem partir. E o último, por favor, cerre a porta.

Todos bateram em retirada, restando no recinto apenas quatro jovens, entre eles o filho de Andrade. Apoiada em uma bengala, Pala aproximou-se deles e ordenou com um escárnio aristocrático:

— Meus garanhões, despojem-se de suas vestes para a titia!

Os funcionários, intimidados, começaram a se despir. Contudo, o filho de Andrade hesitou, respondendo com firmeza:

— A senhora equivoca-se; não atenderei a tal capricho!

Pala, então, sacou um pequeno revólver de uma gaveta e retrucou com voz sibilante:

— Repita, rapazote de merda!

Sob a ameaça iminente, todos cederam. Diante da nudez dos jovens, Pala esboçou um sorriso triunfante e começou a se despir também, revelando um corpo devastado pela patologia, com tatuagens desbotadas e a pele marcada pelo rastro das agulhas e veias proeminentes. Aproximou-se de um deles, deslizou os seios contra seu peito e propôs:

— Vamos a um jogo. Quem demonstrar desejo por mim sairá daqui com vida. Mas, para os insensíveis, não haverá amanhã; ninguém saberá do ocorrido. Vocês têm cinco minutos. Nada mais.

O pânico instalou-se. Quando um dos rapazes irrompeu em gritos, Pala, em um surto de fúria descontrolada, disparou contra o seu peito. Enquanto os demais tentavam socorrer

o colega, ela, entre brados ensandecidos, alvejou cada um deles. Em seguida, lançou-se sobre os corpos ensanguentados em um abraço fúnebre, beijando-os freneticamente.

Ordenava, em seu delírio, que os mortos a possuíssem. Do lado de fora, as empregadas choravam em desespero até que Carlos, com um chute violento, escancarou a porta. O cenário de carnificina que se revelava era absoluto. Sem vacilar, ele avançou, ordenou que os demais subordinados removessem os corpos da mansão e os entregassem às chamas, eliminando qualquer vestígio do crime.

Algumas horas mais tarde, Andrade retornou à propriedade. Alheio à carnificina, encontrou apenas o silêncio: as evidências

havam sido ocultadas e, sob lençóis de um branco imaculado, Pala repousava em um sono profundo. Ao questionar sobre o paradeiro do filho, o médico foi informado de que o rapaz deixara o local após negar socorro à paciente. Diante disso, Carlos, em nome da patroa, dispensou sumariamente os serviços de Andrade.

Na manhã seguinte, Pala despertou com uma serenidade perturbadora, como se a noite anterior fosse apenas um delírio esquecido. Parte da criadagem, horrorizada, optou pelo abandono do serviço; os que restaram o fizeram por falta de alternativa. O quarto estava inundado de luz e Carlos aguardava à porta o seu despertar.

Pala sorriu para o motorista e indagou:

— Já estou curada?

Com um sorriso melancólico, Carlos anuiu. Ela sentia como se tivesse dormido por meses e o tratamento finalmente tivesse atingido seu ápice. Como uma criança que busca amparo, Pala abraçou o mordomo com uma sinceridade desarmante — um gesto que,

para os espectadores, parecia o capítulo final de uma demência compartilhada. O medo, contudo, ainda pairava sobre a mansão.

Meses se passaram e a convicção de sua cura se fortaleceu. Seus cabelos recuperaram o viço e a rotina de Pala retomou os trilhos da normalidade. Ela buscou restabelecer seu império na empresa, retornando ao escritório com a mesma altivez de outrora. Certo dia, ao final do expediente, enquanto era a última a deixar o prédio, sentiu um vazio súbito: a ausência de Clara.

Ao questionar a segurança sobre a empregada que não via há tempos, foi informada de que Clara estava em sua residência, enferma. Livre de qualquer estigma, Pala ordenou que a levassem até a casa da

mulher, situada em uma vila de pescadores em um bairro remoto. Durante o trajeto, observava a paisagem com um olhar possessivo, sussurrando para si: "Tudo isso ainda será meu".

Ao chegar, Pala adentrou o casebre sem ser anunciada. No interior, deparou-se com Clara: uma figura definhada, deitada em um leito austero. Tomada pela vergonha, a mulher tentou cobrir-se, mas Pala impediu o gesto com uma suavidade gélida, perguntando:

— Não a condeno, Dona Clara. Não vim aqui para ostentar o que paguei ou o que fiz por você. Estou aqui como uma pessoa comum, alguém que precisa, finalmente, confrontar a verdade.

... — Eu sei. Meu coração sussurra que você faz parte de mim; de algum modo, sinto isso há muito tempo. Sei que você deseja me revelar algo...

Clara sentou-se na extremidade do leito e negou com um aceno suave. Afirmou que jamais conhecera Pala e que tudo não passava de um equívoco. Pala, no entanto, percorreu a pequena habitação e deparou-se com diversos recortes de jornais antigos — todos noticiavam, com tintas trágicas, o desaparecimento e a suposta morte de uma criança.

Com a voz embargada, Pala questionou quem era aquela menina. Clara, tentando desviar-se do assunto, irrompeu em pranto.

Pala aproximou-se, ajoelhou-se aos seus pés e, buscando seu olhar, indagou:

— É sua filha? Você perdeu uma filha?

Clara, vencida pela insistência, confessou que tivera uma filha que não apenas desaparecera, mas que fora dada como morta. O próprio pai, em um ato de vingança após raptá-la, teria lançado a criança em um lago. Pala, estarecida, deixou a casa de Clara em silêncio, sem se despedir, e partiu em busca da segurança de sua própria mansão. E assim o destino se cumpriu.

Ao retornar, Pala foi acolhida com um zelo incomum. Carlos, agora no comando da gestão doméstica, contratara novos

empregados e parecia ter restaurado a ordem e a beleza da propriedade; vasos antigos transbordavam flores frescas e os cômodos, outrora lúgubres, resplandeciam. Carlos passou a chamá-la de "minha filha", abandonando definitivamente a postura de subordinado e os uniformes que o acompanharam por mais de quarenta anos.

Pala parecia exalar uma nova felicidade; tornou-se gentil com seus subalternos e, todas as noites, promovia banquetes ao som de música clássica para seus colegas mais íntimos. Convidou Carlos para ocupar um dos quartos principais, oferecendo-lhe a dignidade e o conforto que ele sempre merecera.

Durante a mudança, contudo, Carlos solicitou que os empregados transportassem

todos os seus pertences, à exceção de uma pequena caixa de madeira, a qual ele mesmo carregou sob estrito sigilo. Observando a cena, Pala sentiu a centelha da curiosidade arder, embora não imaginasse a gravidade do que estava sendo ocultado.

No dia da celebração pela mudança de Carlos, Pala organizou uma festa suntuosa. Enquanto os convidados se distraíam nos salões, ela aproveitou um momento de solitude para esgueirar-se até o novo quarto de seu protetor. Trancou a porta com cautela e procurou pela pequena caixa. Ao encontrá-la sobre a cama, ladeada por papéis amarelados, abriu-a com mãos trêmulas.

No interior, deparou-se com os mesmos recortes de jornal que vira na casa de

Clara. Eram as mesmas notícias, a mesma criança que, segundo os relatos da época, fora raptada e assassinada pelo pai. Atônita, Pala recolheu alguns daqueles documentos e guardou-os consigo, sentindo que o véu de sua própria história estava prestes a ser rasgado por completo

Pressionando a caixa contra o peito enquanto as lágrimas turvavam sua visão, Pala foi tomada por uma epifania avassaladora: Clara era sua mãe biológica. Ela não era a criança morta dos jornais, mas a menina raptada pelo próprio pai. Um alívio paradoxal a invadiu ao compreender que Carlos não a havia entregue à morte, mas sim ao luxo; ele a arrancara da miséria para depositá-la nos braços de uma linhagem aristocrática,

preservando sua vida e garantindo-lhe um futuro de opulência.

Recomposta, Pala retornou à festa. Sentou-se à mesa, brindando com seus pares enquanto uma felicidade febril crescia em seu semblante. No auge da celebração, retirou-se para a varanda com uma taça de vinho branco. Lá, sob a luz das estrelas, debruçou-se sobre os papéis que ocultara na bolsa e notou um detalhe que lhe escapara: um endereço escrito com tinta carmim em um fragmento de papel amarelado.

Movida por um impulso incontrollável, Pala tomou as chaves de seu automóvel e seguiu as coordenadas descritas. O rádio emitia uma melodia suave enquanto o vento noturno a fustigava o rosto. O destino,

contudo, era sombrio: um antigo cemitério desativado, onde o silêncio era interrompido apenas pelo farfalhar das folhas secas. Guiada pelos dados do papel, ela localizou uma pequena cova solitária, anônima e esquecida, onde sentiu que jazia a suposta criança da notícia.

A prova definitiva de que Carlos e Clara eram seus progenitores estava ali, sob a terra. Convencida de que o túmulo guardava apenas um caixão vazio — o símbolo de uma morte encenada —, Pala decidiu exumá-lo. Com um esforço hercúleo, removeu o pequeno esquife da cova e arrastou-o até seu carro. Aquele ato triunfal seria o encerramento de sua odisséia; o caixão vazio era o troféu da vitória eterna de Pala sobre o destino. Enquanto dirigia de volta

à mansão, ela cantarolava uma ária clássica, sentindo uma alegria radiante percorrer cada fibra de seu ser.

Ao estacionar diante do palacete, convocou os empregados. Mesmo atônitos e tomados pelo pavor diante do esquife empoeirado, eles acataram suas ordens e carregaram o objeto até a mesa de jantar, onde Carlos aguardava, de pé, para o brinde final.

— Brindemos à saúde de minha filha!
— exclamou Carlos, sem notar que os convidados já recuavam, horrorizados.

Com o caixão sobre a mesa, Pala esboçou um sorriso de triunfo e declarou:

— Pai, agora eu sei de tudo. Sei que você me resgatou daquela existência miserável

e forjou uma morte fictícia para me entregar a uma linhagem de reis. Deram-me um nome, uma herança e um lugar no mundo. E você nunca esteve ausente; permaneceu ao meu lado por todo este tempo, zelando por mim e me oferecendo flores em meio ao caos.

Carlos depositou sua taça de vinho sobre a mesa, o olhar fixo no esquite, e sentenciou:

— Acalme-se, filhinha... Onde você encontrou esse caixão? — indagou Carlos, com a voz vacilante.

Ainda ostentando um sorriso gélido, Pala respondeu:

— Peça que me perdoe, "paizinho", mas ao vasculhar seus pertences, deparei-me

com um endereço que me conduziu até o cemitério. Trouxe este esquife, que decerto está repleto de pedras, para celebrarmos o desfecho de tudo. Por favor, ajudem-me a abri-lo...

Carlos tentou intervir, mas o destino já havia sido selado. Quando a tampa foi removida, revelou-se a ossada de uma criança. O horror tomou conta do recinto; mulheres gritaram e imploraram para que seus maridos as retirassem dali. Inabalável, Pala deslizou as mãos sobre os ossos empoeirados e questionou, com uma calma aterradora:

— Quem é esta criança?

A resposta de Carlos veio carregada de fúria:

— Como ousa, sua miserável! Retire suas mãos imundas dela agora!

Ele tomou o caixão nos braços e subiu as escadarias apressadamente. Enquanto os convidados fugiam em pânico, Pala permanecia estática, com o olhar perdido em um matiz vermelho. Subitamente, ela despertou e ordenou aos gritos:

— Corram! Saiam daqui o mais rápido que puderem!

Tomada por uma ira cega, ela irrompeu pelas escadas, arremessando copos contra os presentes e destruindo a ornamentação floral. O ambiente, outrora pacífico, transformou-se em uma câmara infernal sob sua fúria perversa. Movida por um impulso destrutivo, buscou

galões de gasolina no estacionamento e espalhou o combustível por toda a sala de entrada.

Num ato de absoluta demência, Pala ateou fogo às imensas cortinas. Enquanto o império era consumido pelas chamas, ela vagou pelos cômodos tomados pela fumaça até encontrar Carlos. Ele estava sentado no leito, abraçado à pequena caixa, rindo diante do fim inevitável. Ela fechou a porta do quarto e perguntou uma última vez:

— Quem é você?

Carlos levantou-se e sentenciou:

— Essa foi a mesma pergunta que seus avós adotivos me fizeram enquanto agonizavam naquele carro retorcido. Mas pode

me chamar de "papai", filhinha. Afinal, aquele covarde do seu pai biológico vendeu você para mim por uma ninharia. Eu lhe fiz o imenso favor de trazê-la para esta casa, onde seus avós a criaram como uma "cachorrinha" de rua. Mas eles eram arrogantes demais — Assim como você, eles pretendiam revelar sua origem, mesmo tendo lhe legado um nome e uma fortuna incomensuráveis. Velhos e decadentes, eu apenas apressei o inevitável. E como você era uma criança insuportável e eu detinha sua tutela, despachei-a para um internato. Meu desejo era que você jamais retornasse, que as preces e pragas se consumissem nas encruzilhadas, mas você sobreviveu para tomar posse do que, por direito, deveria ser meu!

Pala começou a tremer, amparando seu corpo exausto contra a parede enquanto questionava com a voz embargada:

— Quer dizer que você me alimentou com mentiras por todo este tempo? E Clara... e aquela criança... quem são eles afinal?

— Clara foi um caso efêmero do meu passado; aquela menina, sim, era minha verdadeira filha. Tive meus percalços com elas, mas isso já não tem importância. Foram apenas mais duas tolas que cruzaram meu caminho, assim como você e Clara, que por ironia do destino acabaram trabalhando no mesmo escritório. Tudo colaborou para que eu atingisse meus objetivos. Aliás, nem tudo foi embuste: sua doença era real, eu apenas "ajudei" no processo, subornando Andrade

para que a mantivesse dopada com doses cavalares de medicação.

Carlos prosseguiu com um sorriso cruel:

— Todo aquele espetáculo com o suposto filho dele — um ator medíocre, diga-se de passagem — serviu apenas para fragmentar sua mente doente. Ninguém morreu ali; foi um teatro orquestrado para deixá-la ainda mais vulnerável. Você sempre foi podre por dentro, e eu trabalhei para que essa podridão transbordasse para o exterior. Você bem sabe o que o destino reserva aos miseráveis, não é mesmo?

Súbito, Carlos sacou um revólver e disparou contra o ombro esquerdo de Pala, que desabou no chão, fingindo-se morta.

Entre as labaredas e a fumaça espessa que sitiavam o corredor, ele dirigiu-se ao cofre da mansão, saqueando as joias e a fortuna que ela mantinha em espécie. Contudo, seu ódio exigia uma última confirmação. Ao retornar ao quarto para desferir o golpe de misericórdia, percebeu que ela desaparecera. Num relance, a sombra de Pala emergiu do caos, golpeando-lhe o pescoço com uma lâmina fria. Carlos tombou de joelhos, berrando em agonia:

— Ingrata!

Mesmo ferida e com a consciência esvaindo-se devido ao sangue perdido e ao calor infernal, Pala lançou-se sobre ele em um ataque frenético antes de desfalecer. Ao longe, o som das sirenes indicava que os bombeiros

finalmente iniciavam o combate ao incêndio que consumia os restos de seu império.

Após o incêndio devastador que consumiu a mansão, Pala e Carlos foram resgatados dos escombros em estado crítico. O império de opulência reduziu-se a cinzas e ossos expostos; ambos deram entrada no hospital em coma profundo, com queimaduras severas que marcaram seus corpos de forma indelével. Diante da tragédia, os médicos pouco esperavam, e a justiça, por falta de provas ou interesse, silenciou-se, permitindo que o caso fosse abandonado. Se Pala despertasse, não encontraria o luxo de outrora, mas um rastro de dívidas e sequelas. Durante esse longo inverno de inconsciência, a única

alma a velar por ela foi Clara, que a visitava acompanhada de seus netos.

Enquanto a dona da mansão jazia inerte, seu patrimônio era saqueado por sócios oportunistas. A empresa faliu sob o peso de gastos astronômicos e má gestão, deixando funcionários sem salários e anos de direitos trabalhistas perdidos no fogo. Para muitos, a morte de Pala seria uma misericórdia; para Clara, no entanto, havia uma esperança que desafiava a lógica.

Seis anos se passaram. Numa manhã de Páscoa, Clara retornou ao quarto de hospital para decorar o ambiente com flores, como fazia rotineiramente. Ao segurar as mãos daquela que um dia foi sua carrasca e depois sua protegida, sussurrou com ternura: "Minha

florzinha!". Pela primeira vez em anos, os olhos de Pala reagiram à luz. O despertar foi acompanhado pelo grito de Clara chamando os médicos; o milagre, enfim, acontecera.

A reabilitação foi um calvário de meses. Pala emergiu do coma com dificuldades na fala e mãos atrofiadas, mas com a consciência plena do horror que vivera. Em diversas ocasiões, tentou questionar Clara sobre o paradeiro de Carlos e o destino do que ele levava, mas o silêncio era a única resposta. Ninguém sabia o que restara de seu algoz ou de seu império; ela teria de recomeçar do absoluto zero, desprovida de tudo, exceto da própria vida.

Completamente inválida e com as pernas amputadas devido às gravíssimas

queimaduras que jamais cicatrizaram, Pala foi morar com Clara na vila de pescadores. Ali, a mulher que outrora humilhava "amebas" agora dependia de auxílio para as tarefas mais básicas, como alimentar-se e banhar-se. Aos poucos, entre alimentos naturais e a rotina doméstica simples, ela conquistou uma independência tardia, adaptando-se à sua nova e limitada realidade.

Entretanto, a essência de Pala permanecia latente. Numa tarde ensolarada, movida pelo desejo incontrolável de reaver sua fortuna e abandonar aquela vida de submissão, ela agiu sem avisar ninguém. Manobrando sua cadeira de rodas com esforço, alcançou a estrada e tomou um ônibus, partindo em uma

jornada solitária e incerta em busca do que acreditava ser seu por direito.

Pala atravessou a cidade em sua jornada solitária até alcançar os portões de sua antiga propriedade. Onde antes se erguia a imponência de sua mansão, restava apenas um terreno desolado e vazio, agora cedendo espaço para dezenas de novas construções. Tomada pela agonia, ela aproximou-se do portão retorcido e, agarrando-se às grades com suas mãos sequeladas, entregou-se a um choro convulsivo. Enquanto sua alma mergulhava em melancolia, um homem idoso aproximou-se discretamente.

— Dona Pala? Quase não acredito que a senhora ainda vive... Deus seja louvado! — exclamou ele.

Ao virar o rosto manchado pela maquiagem borrada, Pala reconheceu seu antigo jardineiro. O reencontro foi selado por um abraço genuíno e pelo pranto compartilhado que durou minutos, enquanto ela soluçava com a fragilidade de uma criança.

— Peço que me perdoe por todo o mal que lhe causei — implorou ela. — Agora compreendo o preço altíssimo que estou pagando por meus atos e pelo que fizeram comigo.

O velho jardineiro, em um gesto de humildade, abaixou a cabeça e respondeu:

— Eu soube de tudo o que aconteceu. Tome este endereço e encontre-me lá amanhã, pontualmente às nove e meia da manhã.

Talvez eu possa lhe oferecer um pouco da paz que tanto procura.

Pala ajustou os óculos, leu o papel e questionou com estranheza:

— Eu conheço este lugar... é o cemitério! O que pode haver para mim ali dentro?

O jardineiro limitou-se a um sorriso enigmático:

— Não se atrase.

Ele partiu, deixando-a com suas incertezas. Naquela noite, de volta à casa de Clara, Pala não mencionou o ocorrido a ninguém; a ansiedade pelo que estava por vir fez com que adormecesse cedo. No dia seguinte, tomou um táxi e seguiu diretamente

para os portões do cemitério, onde o jardineiro já a aguardava, segurando uma pá nas mãos. Ele assumiu o controle da cadeira de rodas e a conduziu por entre as lápides até um ponto específico, onde pediu que ela cerrasse os olhos.

— Pode abri-los agora, dona Pala — sentenciou ele.

A jornada de Pala em busca de respostas culminou em um cenário de absoluta desolação. Ao alcançar os portões de sua antiga propriedade, deparou-se com o vazio: onde antes se erguia sua suntuosa mansão, restava apenas um terreno árido, agora destinado a novas construções. Tomada pela

agonia, ela agarrou-se às grades com suas mãos sequeladas e entregou-se a um pranto convulsivo, até ser interrompida pelo seu antigo jardineiro.

O reencontro foi selado por um pedido de perdão e por uma promessa enigmática do ancião: um endereço no cemitério que guardaria a paz que ela tanto almejava. No dia seguinte, conduzida pelo jardineiro por entre as lápides, Pala encontrou-se diante da tumba de Carlos, coberta por flores murchas e pelo esquecimento.

Num acesso de euforia mórbida, ela celebrou a ruína de seu antigo algoz:

— Maldito! O dinheiro não pode livrá-lo deste buraco. Sinto um prazer indescritível em vê-lo desmoronando sob a terra!

Sob suas ordens, o jardineiro escavou a cova e abriu o caixão de Carlos. Para surpresa de Pala, não havia restos mortais, mas sim centenas de joias roubadas por ele durante o incêndio da mansão. O brilho do ouro despertou nela uma cobiça frenética. Num impulso desesperado para reaver seu patrimônio, ela projetou-se para fora da cadeira de rodas, caindo dentro da cova sobre as joias. No entanto, suas limitações físicas — as pernas amputadas e os braços atrofiados — tornaram-na prisioneira do próprio tesouro.

Enquanto ela clamava por socorro, o jardineiro desapareceu, e vultos começaram a

emergir da luz ofuscante do sol. Eram seus antigos empregados, enfermeiros e sócios, liderados por um Carlos envelhecido, mas vivo, amparado por um andador.

Com um sorriso gélido, ele revelou a peça final do quebra-cabeça:

— Bom dia, minha flor. Eu sabia que a ganância a traria até aqui. Foi simples atraí-la agora que você é uma velha inválida. Você é minha filha biológica, Pala, e o sangue que corre em suas veias é movido pelo mesmo desprezo que sinto.

Carlos revelou que o caixão desenterrado anos antes continha, na verdade, os restos da irmã gêmea de Pala, a quem ele assassinara afogada em um lago.

— Eu cumpri dez anos de prisão por aquele crime e, para não ser mais incomodado, entreguei você àqueles que chamou de "avós". Eles eram arrogantes e a criaram como uma "cachorrinha" de rua enquanto eu observava de longe.

Diante do horror da revelação, cercada pelo luxo inútil das joias e pela futilidade de sua existência, Pala percebeu que seu império fora construído sobre mentiras e sangue. O fogo que outrora consumira sua casa agora ardia em sua memória, enquanto ela permanecia no fundo daquela cova, encarando a face verdadeira de seu pai e o fim inevitável de sua própria linhagem.

Pala, já desprovida de voz e forças, testemunhou o instante em que Clara se

aproximou de Carlos. Num gesto que transbordava uma cumplicidade sombria, ela o envolveu em um abraço e sussurrou:

— Meu bem, dê logo um fim a isso tudo.

Sem olhar para trás, ela se retirou, deixando-os a sós com o destino. Carlos, voltando-se para a figura caída da filha, prosseguiu com um tom de fria justiça:

— Acalme-se, meu bem, já estamos terminando. Veja, Pala, o rastro de destruição que você deixou; todos aqui carregam a mágoa e o ódio plantados por você. Tentamos destruí-la de inúmeras formas, mas você parece ser feita de puro mal. Agora, é chegado o momento de pagar por cada um deles.

Com visível esforço, Carlos curvou-se e despejou sobre ela o conteúdo de uma pequena sacola: eram os ossos de sua própria filha, a irmã que Pala nunca conheceu.

— Tome este presente; eles serão sua companhia eterna, junto a estas joias que, assim como sua vida, são falsas.

Desesperada, Pala tentou se desvencilhar daquela cova, mas seus gritos já não formavam palavras inteligíveis. Um a um, aqueles a quem ela um dia humilhou lançaram sobre seu corpo flores e desabafos carregados de desprezo. Carlos, antes de selar o destino da filha, proferiu suas últimas e terríveis palavras:

— Vá em paz, querida. Naquela noite de incêndio, eu fui até o inferno e deixei a

porta aberta, exatamente como você me ordenou. Agora, fechem o caixão!

Sob uma chuva de falsas joias, pétalas e ossos, o caixão foi lacrado. Sobre a tampa, foi colocada uma imensa pedra, garantindo que ela jamais encontrasse uma saída. Enquanto a terra cobria a última fresta de luz, os risos de Pala — outrora arrogantes — tornaram-se gradualmente silenciosos até desaparecerem na escuridão da terra. Ali, ela permaneceu esquecida por toda a eternidade; ninguém reclamou sua ausência, e o mundo seguiu como se ela jamais tivesse existido. Pala terminou sua jornada da mesma forma que viveu: profundamente sozinha.

Posfácio

“Pala” é uma história sobre excessos — e, sobretudo, sobre as consequências inevitáveis de uma vida construída sem medida. Não apenas o excesso de riqueza, mas o excesso de poder, de orgulho, de negação, de violência e de vazio. Ao longo da narrativa, acompanhamos não apenas a ascensão e queda de uma personagem, mas o desvelamento de uma estrutura interna corroída desde a origem.

Pala não foi concebida para ser amada. Tampouco para ser compreendida com facilidade. Ela é, antes de tudo, um espelho deformado — e talvez por isso mesmo tão incômodo. Sua trajetória nos confronta com uma pergunta silenciosa, mas persistente: até que ponto aquilo que acumulamos

externamente é capaz de sustentar o que nos falta internamente?

O mundo que a cerca é igualmente simbólico. A empresa, a mansão, os salões iluminados, as joias e os rituais sociais não são apenas cenários, mas extensões de um sistema que transforma relações humanas em hierarquias frias. Nesse universo, o dinheiro deixa de ser meio e se torna linguagem — e, como toda linguagem absoluta, acaba por desumanizar quem a utiliza como única forma de existência.

A doença que acomete Pala não deve ser lida apenas como um evento biológico. Ela se apresenta como ruptura, como limite imposto a uma lógica que acreditava ser invulnerável. Pela primeira vez, o corpo — até

então instrumento de domínio — torna-se território de fragilidade. E é nesse ponto que a narrativa abandona qualquer possibilidade de controle: o que emerge não é redenção, mas confronto.

O encontro com Clara, a revelação sobre sua origem e a figura de Carlos deslocam o eixo da história para um terreno mais profundo: o da identidade. Quem é Pala quando tudo aquilo que a definiu começa a ruir? O que resta quando o nome, a herança e o poder deixam de sustentar a própria existência?

Não há, aqui, respostas fáceis. A narrativa recusa deliberadamente o conforto da redenção plena. Ainda que existam momentos de aparente suavização — gestos

de humanidade, lampejos de afeto — eles não anulam o percurso anterior, nem apagam as marcas deixadas. Ao contrário: reforçam a complexidade de uma personagem que, mesmo diante da possibilidade de transformação, permanece atravessada por sua própria natureza.

O desfecho, por sua vez, não deve ser lido apenas como punição. Ele se configura como encerramento de um ciclo que sempre esteve anunciado desde o início. A solidão final de Pala não é um acidente — é consequência. E talvez seja justamente nisso que reside a força mais inquietante da obra: a percepção de que certas trajetórias não colapsam de forma abrupta, mas se constroem lentamente em direção ao próprio abismo.

Se há algo a ser levado desta história, não é necessariamente uma moral, mas um desconforto. Um convite à reflexão sobre os limites entre poder e humanidade, entre conquista e perda, entre identidade e construção social. “Pala” não oferece consolo; oferece, antes, um espelho — e a coragem de encará-lo.

Que a leitura permaneça não como um encerramento, mas como um eco.

Lucas Almeida Dias

